As opções propostas e as inevitáveis controvérsias que teriam de sugerir, abrem um vasto leque de alternativas e debates; e é exatamente este o principal mérito de uma obra como esta, que traz os problemas de finanças públicas para o centro das atenções dos que se preocupam com o futuro da sociedade capitalista. ■

Amarilis Maier Sampaio

* Esta resenha foi realizada sob a orientação acadêmica do Prof. Eurico Korff, a quem agradeço o valioso apoio.

[1] Veja sobre o assunto artigo de Laffer, Arthur B. O papel dos tributos e dos encargos na economia de mercado. In *Visão*, p. 83-6, 17 out. 1977.

Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil

Por Sérgio Silva. São Paulo, Alfa-Ômega. 120 p.

Originalmente apresentada como tese de mestrado na École Pratique des Hautes Études em 1973, sob o título *Le café et l'industrie au Brésil, 1880-1930,* o trabalho de Sérgio Silva procura enfatizar "a natureza *contraditória* das relações café-indústria, de tal modo que a expansão cafeeira determina, *ao mesmo tempo,* o nascimento da indústria e os limites da industrialização".

O livro é composto de quatro capítulos — 1. Introdução sobre a problemática; 2. Condições históricas da expansão cafeeira; 3. Economia cafeeira; 4. Origens da indústria — sendo que este comentário atentará, basicamente, para alguns aspectos contidos nos capítulos 3 e 4.

Nas primeiras páginas, o autor salienta que a economia cafeeira foi o principal centro da acumulação de capital no Brasil durante o período da República Velha (1889-1930), e que é "... na região do café que o desenvolvimento das relações capitalistas é mais acelerado e é aí que se encontra a maior parte da indústria nascente brasileira (...). Toda a análise da economia cafeeira fundamenta o estudo das relações entre economia cafeeira e indústria nascente" (p. 17).

Afirma ainda que a problemática que sustenta este estudo sobre a economia brasileira no período assinalado é a de captar as características específicas de transição capitalista nos países que ocupam uma posição subordinada na economia mundial (p. 27).

No terceiro capítulo, Sérgio Silva estuda a economia cafeeira, salientando o aumento vertiginoso de sua produção: por volta de 1850 ela atingia, em média, a cifra de 3 milhões de sacas por ano, para, a partir das décadas de 1870 e 1880 principalmente, ultrapassar os milhões de sacas/ano. Então, em suas palavras, "... o café torna-se o centro motor do desenvolvimento do capitalismo no Brasil" (p. 49).

Há de se destacar também o deslocamento geográfico das plantações, pois "... na década de 1880 a produção de São Paulo ultrapassa a do Rio de Janeiro, os planaltos de São Paulo praticamente substituem o Vale do Paraíba (...). A importância do rápido crescimento da produção e desse deslocamento geográfico só poderá ser entendida se considerarmos as simultâneas mudanças ocorridas ao nível das relações de produção. Ao subir os planaltos de São Paulo, as plantações abandonam o trabalho escravo pelo trabalho assalariado. Com o trabalho assalariado, a produção cafeeira conhece a mecanização (...). Além disso, a possibilidade desse deslocamento é determinada pela construção de uma rede de estradas de ferro bastante importante. Finalmente, o financiamento e a comercialização de uma produção que atinge milhões de sacas implica o desenvolvimento de um sistema comercial relativamente avançado, formado por casas de exportação e uma rede bancária. É fundamentalmente por essas razões que o café se tornou o centro motor do desenvolvimento capitalista no Brasil" (p. 50).

Mas, é no quarto capítulo — Origens da indústria — que o

trabalho de Sérgio Silva se agiganta. Afirmando, no início, que o estudo sobre as origens da indústria no Brasil é "... *o estudo da gestação de novas formas de acumulação baseadas no trabalho assalariado e no capital, das condições que determinam historicamente essas novas formas: a economia cafeeira e, através da economia cafeeira, o modo de inserção do Brasil na economia mundial capitalista*" (p. 81; grifado no original), o autor delineia alguns pressupostos básicos que nortearão o esquema explicativo deste último capítulo.

Utilizando-se de informações contidas nas estatísticas industriais de 1907 e 1920, evidencia que as chamadas "grandes empresas" — "com 100 ou mais operários ou capital igual ou superior a 1.000 *contos*" (que, de acordo com a taxa média de câmbio de 1907 correspondia a cerca de 64 mil libras) — constituíram a base da nascente indústria nacional. E acrescenta que "o conjunto das empresas com 100 ou mais operários reagrupa, de acordo com os dados do Centro Industrial do Brasil, mais de 85% do capital, em São Paulo; e cerca de 70%, no antigo Distrito Federal" (p. 83). Assim, essas evidências jogam por terra a tese segundo a qual, durante o período da hegemonia cafeeira, a indústria caracteriza-se por pequenas empresas de tipo artesanal ou pequenas manufaturas voltadas para reduzidos mercados locais.

O ponto basilar da obra é o exame, realizado no tópico "Origens da burguesia industrial", das concepções de vários estudiosos da questão, entre os quais se destacam Santiago Dantas, Rui Mauro Marini, Caio Prado Júnior e Warren Dean. Após resenhar criticamente o pensamento dos autores citados, Sérgio Silva conclui que "para a burguesia industrial nascente, a base de apoio para o início da acumulação não é a pequena empresa industrial, mas o comércio, em particular o grande comércio cujo centro está na atividade de exportação e importação. Do mesmo modo que na exportação, a importação é controlada em parte por empresas estrangeiras. Graças às suas origens sociais, o burguês imigrante encontra facilmente um lugar no grande comércio. Ele torna-se representante de firmas e marcas estrangeiras e se encarrega da distribuição de produtos importados pelo interior do país" (p. 95).

E, considerando também os chamados aspectos contraditórios das relações café-indústria, o autor conclui, de modo a discordar de várias teses até agora aceitas, que "... as relações entre o comércio exterior e a economia cafeeira, de um lado, e a indústria nascente, de outro, implicam, ao mesmo tempo, a unidade e a contradição. A unidade está no fato de que o desenvolvimento capitalista baseado na expansão cafeeira provoca o nascimento e um certo desenvolvimento da indústria; a contradição, nos limites impostos ao desenvolvimento da indústria pela própria posição dominante da economia cafeeira na acumulação de capital" (p. 103).

Haveria ainda outros aspectos a serem explorados neste breve comentário, como por exemplo o tratamento dado às estatísticas de 1920, demonstrando que o capital industrial brasileiro era quase todo concentrado nos setores de bens de consumo — cerca de 85,4% do valor da produção industrial (p. 113) — ou que, graças à importação de equipamentos modernos, o capital industrial brasileiro saltou etapas e adotou, desde o início, técnicas avançadas que possibilitaram uma rentabilidade elevada (p. 114-5).

Concluindo, acredito que o trabalho de Sérgio Silva deve merecer atenção especial por se constituir em sopro inovador às interpretações da história econômica brasileira da República Velha, sendo que sua leitura é enriquecida ainda mais quando se conhece também a tese de doutoramento de João Cardoso de Melo, *O capitalismo tardio*, em especial o tópico "A industrializaão restringida". ■

Afrânio Mendes Catani

La societé contre l'Etat

Por Pierre Clastres. Paris, Editions de Minuit, 1974.

"Pendant que les espagnols envoyaient des comissions d'enquête pour rechercher si les indigènes avaient ou non une âme, ces derniers s'employaient à immerger des blancs prisionniers, afin de vérifier, par une surveillance prolongée, si leur cadavre était ou non sujet à la putréfation."[1]

Que interesse pode ter o estudo das organizações indígenas para a análise das organizações contemporâneas? Por que dar atenção a uma obra que, surgida nas franjas da antropologia e, como que possuída de um *désir* justiceiro, investe contra o estamento e a tradição antropológica?

A obra de Clastres por si própria responde a estas questões. O que faremos aqui será delinear, na medida do possível, as partes das obra que julgamos apresentar um impacto decisivo no que se pretende entender como formações e processos organizacionais, em particular os que vivemos.

Logo de início, é preciso ressaltar o caráter pluridimensional da "agressão" de Clastres, o que quer dizer que, mesmo tendo como fio condutor o pressuposto de que para o estudo de *"ce gens là sans foi, sans loi, sans roi..."* é neces-